

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º a entrega	29.º Anno — XXIX Volume — N.º 992	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Typ. do Annuario Commercial — Calçada da Gloria, 5
Portugal (franco de porte), m. forte...	3\$800	1\$900	650	120	20 DE JULHO DE 1906	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.—Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem).....	4\$000	2\$000	—	—		
Estrangeiro (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		

As Festas da Rainha Santa, em Coimbra



NA RUA DO VISCONDE DA LUZ

Chronica Occidental

Em nossa ultima chronica demos á pancada um logar de honra. Não se deu ella tão mal que o quizesse largar, e cá a temos outra vez, de cacete symbolico em punho e sobr'olho carregado.

S. Majestade, pois que pela força o leão é rei dos animaes e pela força é que os imperadores mandam, S. Majestade quiz outra vez dar-nos a honra de ser assumpto d'esta nova chronica, e devemos agradecer-lh'o, porque é o mez de julho, que vamos atravessando, geralmente de grande sovinnaria para chronistas.

E não sei o que ella tem de singular, mas, onde quer que appareça, tudo o mais esquece. Seja o espectáculo qual fór, cante a Patti ou represente a Sarah, vá Fuentes para o toiro ou cambalhote no trapesio a Geraldine, venha uma amostra de pancada na platéa, nas varandas, no sol ou nos dois tostões, e toda a arte e todo o fogo e toda a dextreza e toda a plastica immediatamente esquecem.

E foi assim que o discurso do Sr. João Franco, pronunciado no Principe Real do Porto e logo telegraphado para Lisboa, foi menos falado, na noite de chegada a Lisboa do Sr. Presidente do Conselho, do que o encontro entre regeneradores-liberaes e republicanos na estação do Rocio. Uns murros, umas bengaladas e pouco mais, sem intervenção da policia. O Sr. João Franco seguiu para Cintra, onde El-rei o recebeu com muito agrado, entregando-lhe as insignias da Grã-cruz da Torre e Espada, que eram de seu uso.

Muito aclamado foi o Sr. João Franco no Porto, como aclamado foi agora El-rei em sua viagem até ás Pedras Salgadas, aonde foi fazer uso das aguas. Entretanto o tempo não está de todo seguro, e, se a nuvem não é a do Admascator, como esta temerosa e carregada, nem por isso deixa de pôr em corações um certo medo.

Na melhor ordem correu o comicio republicano no Porto, na mesma cidade, onde, poucas horas antes, o Sr. João Franco frequentes vezes ouvira as palmas cortarem-lhe o discurso.

Falaram no comicio os srs. Dr. Eduardo de Abreu, Dr. Affonso Costa, Dr. Antonio Luiz Gomes e Dr. Antonio José d'Almeida. Diz-se que foi dos mais imponentes que se tem realisado em Portugal. A auctoridade no emtanto nunca teve de intervir para chamar á ordem os oradores.



NA RUA FERREIRA BORGES

(Photographias do Sr. Francisco Borges)

Tudo se passou na melhor paz, e aquella majestade a quem n'estas primeiras linhas prestamos a nossa homenagem, embora muitos a esparassem, deixou-se ficar tranquillamente em casa. Seja, porém, dita a verdade, a força policial no local onde o comício se realisou era quasi insignificante.

Pois seria isto uma razão para maior ordem? ... Talvez fosse.

Em Bélem, na muita pancada que houve entre os soldados do Ultramar e a força policial da esquadra, é que parece realmente que esta nenhuma culpa teve no succedido. O motivo da grande desordem foi, segundo se diz, o não poderem os policias soltar uns soldados... que já estavam soltos. D'ahi confusão, ameaças, vias de facto, ataque á esquadra e defesa da policia que fez uso dos revolvers. Houve muitos feridos e alguns de muita gravidade.

Este é que foi verdadeiramente o grande caso da semana.

O Sr. Ministro da Marinha, que no dia seguinte esteve no quartel, mandou proceder a uma syndancia pela qual se apurou que uns oito soldados haviam sido cabeças de motim. Foram presos e acompanhados por uma força de caçadores 2 até ao forte de Caxias.

Foi nomeado commandante do deposito o capitão de infantaria, Sr. João Ernesto Sampaio, cuja fama é de muito energico e disciplinador.

Muito seria realmente para desejar que, na proxima chronica, pudessemos dar aos leitores noticias de maior satisfação; mas como será isso se já não ha em Lisboa outra distracção que não seja a dos homens de forças, batendo-se todos os dias no Colyseu dos Recreios e com seus musculos de aço enchendo todas as noites de ouro — ou de papel, o que vem a dar na mesma — os cofres do Sr. Santos Junior?

Houve um allemão com quem o publico antipathisou, porque, dizia, era menos leal o seu jogo. E atiravam-lhe bengalas, e caços e até uma pera que elle comeu. Mas uma noite, conforme annunciava o cartaz, foi permittida uma luta em que podia cada um dos hercules usar dos recursos que sua sciencia e sua força lhe suggerissem. Appareceu um bruto maior contra o subdito do Imperador Guilherme e não faltaram socos nem pontapés. O odiado de todo o publico teve então uma ovação enorme; mas o combate ficou indeciso, porque alguns dos espectadores se interpuzeram entre os combatentes.

Raros espectaculos teem, como este, interessado os lisboetas, e tanto mais em dias de tanto calor como os que vão correndo. Alguns foram devéras insupportaveis, e as proprias noites, com rarissimos bafos de vento leste fazendo bolir ligeiramente a folhagem, as noites, por que suspiram os encalmados, foram duras de aturar.

Pois foi n'um dia assim que a canalisação do Alviella se rompeu, e Lisboa se viu ameaçada de ficar sem agua. Correram boatos sinistros e até as ruas deixaram de ser regadas. Felizmente os trabalhos, a que se procedeu com toda a urgencia, permittira que os depositos não se exgotassem de todo.

O aguadeiro com o seu classico grito de *á... á!* tornou a apparecer nas ruas com o seu barril de variegadas côres, e alguns d'elles gabaram-se de excellente negocio, chegando a vender os barris de 20 litros por seis vintens. Houve em certos chafarizes motins de pouca importancia para grande gaudio da garotada.

E o calor, só com este fantasma da falta de agua, parecia que ainda augmentava, e, com a poeira que nos entrava na garganta, a sede mais abrasava. Foi uma verdadeira alegria ver novamente voltar para as ruas a agulheta, com seu repuxo pelo sol iriado. E ainda ha quem diga mal da agua do Alviella! Foi ella ameaçar-nos de faltar e pôrem-se todos fazendo promessas ao Altissimo.

Ha muitos annos tambem a agua faltou em Lisboa, e lembram-nos umas caricaturas que então foram publicadas pelo cada vez mais saudo: o Rafael.

Era um jantar esplendido em que se haviam bebido os melhores vinhos do mundo. Parecia que a generosidade do amphitrião não podia ir mais longe. N'isto assomava á porta um gallego com o barril ás costas. «Água! o homem tambem tinha agua!»

Era depois um dialogo entre dois carvoeiros.— «Água! Tu ainda tens idéa do que era a agua?» E o outro respondia:— «Bem me lembra! Era assim uma coisa que em a gente lhe mettendo as mãos dentro, mudava de cor.»

Para tudo encontrava então Rafael Bordallo a nota alegre. Que falta elle nos fez, semsaborão como vai o tempo agora, correndo a gente com os olhos quanto se escreve e só muito raras ve-

zes tendo razão para abrir um sorriso, por motivo d'algum caso mais pittoresco ou de algum commentario de mais espirito. Razão deve haver para isto e mais do que uma talvez. Dizem rapazes de hoje que nós achavamos espirito ao que realmente não o tinha, e é possível que certo feitiço de graça morresse como as classicas rosas de Malherbe; mas as rosas foram rosas, e a graça era graça.

Quantos escreveram em diferentes generos, e ao mesmo tempo, em jornaes, opusculos, livros e para theatro, que tão cedo não hão de morrer: Pinheiro Chagas, Guilherme de Azevedo, Julio Cesar Machado, Rodrigues Sampaio, Mariano de Carvalho, Urbano de Castro, Eça de Queiroz, Gervasio Lobato e quantos mais! Alguns dos que, hoje, ainda nos poderiam alegrar, estão quasi retirados das letras, e só João Chagas conserva inalteravel o seu bom humor. Alfredo Mesquita apparece-nos de quando em quando, e D. João Castro com as suas *Jornadas no Minho*, metteu-se por um caminho excellente.

Julho não corre alegre em Lisboa e do resto do paiz não ha muito que falar: uns cirios, umas romarias, as festas á Rainha Santa que foram este anno, de grande imponencia, conforme a opinião das correspondencias para os jornaes.

Por aqui fala-se muito dos exames e pouco dos divertimentos. Se se trata dos theatros é para azedar os animos. Não ha palestras que interessem.

Do Brazil chegam noticias optimas das companhias portuguezas que por lá andam. Cartas particulares confirmam o que dizem os jornaes. Pois temiveis rivaes tiveram Brazão e Angela Pinto: primeiro a Tina de Lorenzo e agora a Susana Desprez e a Cora Laparcerie. Grande terra é o Brazil que chega para todos!

JOÃO DA CAMARA.

As festas da Rainha Santa, em Coimbra

As tradicionaes festas da Rainha Santa, em Coimbra, tiveram este anno maior imponencia e brilho do que em outros annos; foram das mais apparatusas que se tem celebrado na formosa rainha do Mondego, n'essa Athenas do Occidente, onde vive a flôr da mocidade que estuda, e forma a alma e enriquece o coração, e se apaixona e sente, onde se revelam os poetas e se affirmam os sabios; na linda cidade que os vates cantam, e mais se ama, por que em seu seio mais vive a mocidade alegre e descuidosa; ali, sim, tiveram maior brilho as festas em honra de uma rainha que foi santa, e cuja memoria não poderá ser esquecida, porque a virtuosa princesa d'Aregão ali quiz repousar na morte, como em vida ali se acolhera á cella de um mosteiro, hoje derruido.

A padroeira de Coimbra teve este anno sua festa mais luzida. Se para isso só influo a devoção religiosa, n'estes tempos de tão pouca fé, não o sabemos, entretanto é certo que em varias epochas as festas da Rainha Santa decahiram muito, como esteve a ponto de se extinguir a confraria instituida, no meado do seculo XVI, pela abbadessa do mosteiro de Santa Clara, D. Anna de Menezes.

Nem menos de vinte annos durou a interrupção do culto da Rainha Santa, 1832 a 1852, e foi n'este anno, que o arcebispo de Braga D. Antonio José de Freitas Honorato, filho de Coimbra, e n'aquelle tempo lente de theologia e ministro da Veneravel Ordem de S. Francisco, convidou varias pessoas influentes da cidade para se fazer com grande pompa a festa de Santa Isabel, o que assim se realisou, reanimando-se novamente o culto da Santa e restabelecendo-se a antiga confraria para o que se inscreveram numerosos irmãos da melhor sociedade conimbricense.

Desde aquelle anno continuou a festejar-se com muito brilho a Rainha Santa até que, com a sahida de Coimbra do restaurador da Real Confraria, tornou a decahir a tradicional festa que se foi reduzindo, a ponto em de, 1889, tornar a estar quasi extincta assim como a confraria.

Valeu-lhe então o sr. dr. Antonio Garcia Ribeiro de Vasconcellos, que a muitos rogos accetou a presidencia da Real Confraria, vindo animar com a sua competencia, actividade e zelo aquella corporação religiosa.

A influencia que o sr. dr. Antonio de Vasconcellos exerceu na antiga confraria foi completa para a sua reorganisação e boa ordem, tratando não só do culto, como do valioso archivo, que instalou convenientemente, e o museu de joias e alfaias, onde existem preciosidades de subido valor artistico e intrinseco. Elaborou tambem um

novo compromisso para a confraria, documento valioso que bem prova a competencia do seu autor.

Para melhor completar a sua obra o sr. dr. Antonio de Vasconcellos escreveu a historia do culto da Rainha Santa Isabel, trabalho de grande investigação e merecimento litterario, que publicou em dois grossos volumes, em 1893.

Ao sr. dr. Antonio de Vasconcellos succederam na presidencia da confraria os srs. drs. Sousa Gomes e Oliveira Guimarães, que não arrefeceram no culto da padroeira de Coimbra, procurando desenvolvê-lo e dar-lhe todo o brilho, como ainda n'este anno se provou, com a imponencia das festas que se realisaram, e para o que muito concorreu tambem o commercio da cidade, os Clubs de Coimbra e a Escola Livre das Artes do Desenho.

Coimbra transformou-se n'aquelles dias, animada pela multidão de forasteiros que enchiam as suas ruas e praças, artisticamente decoradas, com arcos, flôres e bandeiras, e á noite caprichosamente illuminadas a gaz acetylene.

Por essas ruas passou a procissão com todo o seu apparato religioso e concorrência de devotos acompanhando a formosa imagem de Santa Isabel, (1) esse primor de escultura de Teixeira Lopes, em seu andor dourado; á noite por ali passaram tambem em alegre marcha *aux flambeaux* os que se dirigiam á quinta de Santa Cruz, onde havia brilhantes illuminações, musicas e danças populares.

A EXPOSIÇÃO DA ESCOLA DAS ARTES LIVRES DO DESENHO

Outro atractivo tiveram ainda as festas da Rainha Santa este anno, o qual foi a exposição d'arte decorativa levada a effeito pela benemerita Escola das Artes Livres do Desenho, fundada em 1878 por alguns artistas de Coimbra, entre elles o professor sr. Antonio Augusto Gonçalves, Antonio da Costa Motta, notavel estatuário, etc.

A exposição agora realisada é a terceira que esta escola tem promovido, tendo sido a primeira em 1882, de trabalhos da escola, e a segunda em 1884, de manufacturas e artefactos do districto de Coimbra.

A criação da Escola Industrial Brotero, pareceu durante certo tempo que dispensaria os serviços da Escola Livre das Artes do Desenho, mas ha quatro annos, reconhecendo-se que o programma de ensino da Escola Industrial não satisfazia as exigencias dos operarios que maior desejo tinham de se applicar ás artes decorativas, uma comissão composta de socios antigos, os srs. Manoel Martins Ribeiro, Antonio Elyseu, Antonio Augusto Pedro e Benjamim Ventura, reorganizaram a sociedade com elementos novos, entrando esta num periodo de prosperidade como ainda não tivera.

A exposição realisada na grande sala da Associação dos Artistas de Coimbra, é uma manifestação de vida d'aquella escola, pois n'ella se encontram trabalhos dos associados que lhe fazem honra, e despertaram o maior interesse nos visitantes, que foram numerosos.

Ali se poderam ver bellos trabalhos em pintura do sr. Antonio Augusto Gonçalves, D. Libania Gonçalves Neves, Antonio e Abel Elyseu, Affonso Ribeiro, Saul d'Almeida e de Adriano Costa, um quadro em azulejo. Os trabalhos em escultura dos srs. João Machado, Alberto Ferreira, Antonio Carolino, Antonio Gomes, José Ferreira, Luiz Fonseca e João das Neves Machado. Em architectura de Augusto Carvalho da Silva Pinto; e tantos outros de arte applicada á industria, que mostram o progresso alcançado pelos artistas educados na Escola Livre das Artes do Desenho, instituição altamente sympathica, de resultados praticos, devido á iniciativa particular, sem favores do Estado, e antes florescia com o proprio esforço e tenacidade dos artistas dirigidos pelo seu professor e director da escola o sr. Antonio Augusto Gonçalves.

O sr. Bispo Conde não quiz deixar sem estimolo tanta dedicacão ao trabalho traduzida em notavel progresso, e por isso offereceu para premio aos expositores a quantia de 100.000 reis, e que a direcção da escola destinou a costear as despesas de uma excursão artistica e de estudo á Batalha e a Alcobaça, em que tomarão parte todos os socios.

Por isto se vê que a exposição d'arte decorativa teve excepcional importancia nas festas da Rainha Santa, e concorreu não pouco para o esplendor d'essas festas, que durante cinco dias alegraram e animaram a cidade de Coimbra.

(1) Vid. vol. XIX do OCCIDENTE de 1896 pag. 161.

General Lopez Dominguez

Presidente do novo ministerio hespanhol

Mais uma crise politica em Hespanha determinou a queda do ministerio presidido por Moret, o qual havia pedido ao Rei Affonso XIII a dissolução do parlamento; o rei, porém, depois de ouvir os chefes dos partidos monarchicos da Hespanha, resolveu não conceder a dissolução pedida por Moret, tendo o governo de demettir-se.

Affonso XIII encarregou o general Lopez Dominguez de formar o novo gabinete, procurando este velho politico organizar um governo com elementos dos varios partidos tentando, uma concentração liberal, á imitação do que ora se praticou na politica do actual governo portuguez.

O general Lopez Dominguez é um dos politicos mais liberaes da Hespanha, e por suas ideias avançadas esteve preso antes da revolução de 1808 que destronou a rainha Isabel.

D. José Lopez Dominguez é de Marbella, provincia de Malaga, onde nasceu a 24 de novembro de 1829, pelo que tem cerca de 76 annos de idade com uma longa lista de serviços militares, desde a guerra da Crimea, em que tomou parte, como addido ao quartel general francez, entrando na celebre tomada de Sebastopol. N'essa campanha ganhou o posto de capitão e o habito da Legião d'Honra.

Foi ajudante militar de seu tio, o general Serrano, quando este esteve embaixador em Paris. Seguiu as operações dos exercitos alliados na Italia, em 1859 e passou depois em comissão a Africa, onde subiu ao posto de coronel.

Entrando na politica foi eleito deputado por Malaga em 1865 e desde essa epoca acompanhou todo o movimento politico da Hespanha. Tomou parte na revolução de 1868; foi secretario do conselho de ministros, na regencia do general Serrano, e ajudante de campo do rei Amadeu, sendo já marechal.

Dirigiu o cerco de Cartagena contra os federalistas, e bateu os Carlistas no norte onde fez levantar o cerco de Bilbao.

Conservou sempre a sua cadeira de deputado desde 1869. Em 1883 entrou pela primeira vez no governo como ministro da guerra e apresentou varios projectos tendentes á reorganisação do exercito.

Pela morte de Serrano, em 1885, o general Lo-



GENERAL LOPEZ DOMINGUEZ

PRESIDENTE DO CONSELHO DO NOVO GOVERNO HESPAHOL

pez Dominguez passou a ser o chefe da esquerda parlamentar. Sagasta chamou-o em 1893 a dirigir a pasta da guerra, de que se desempenhou até 1895. Actualmente era o presidente do senado.

Por estas breves notas vê-se que o general Lopez Dominguez é pela primeira vez encarregado da presidencia do governo, honra que o veio colher na avançada idade de 76 annos.

O novo ministerio hespanhol ficou assim formado: presidencia e ministro da guerra, general Lopez Dominguez; fazenda, Navarro Reverter; estrangeiros, Pio de Gullon; obras publicas, Garcia Pietro; marinha, D. Juan Alvarado; reino ou interior, Barnabé Davila; justiça Conde de Romanones; instrucção publica, Amalio Jemino.

Estes novos ministros são tambem novos nos conselhos da corôa, embora politicos de longa data e com serviços prestados ao seu pais, na administração dos negocios publicos.

Revolução no Estado de Matto Grosso. — O Presidente do Estado, Coronel Antonio Paes de Barros. — O chefe dos Revoltosos, Coronel Ponce.

Vão decorridos quasi desassete annos que foi proclamada a Republica dos Estados Unidos do Brasil e ainda aquelle povo está pagando a aprendizagem do novo regimen, apesar da monarchia não ter ali enraizadas tradições.

Bem estimariamos ver aquelle povo de nossos irmãos tranquillo e bem seguro do cumprimento de seus direitos e deveres, mas, infelizmente, ainda não chegou a esse estado de perfeição necessario, que lhe deve garantir e consolidar a paz interna sem o que não poderá desenvolver toda a riqueza do seu pais, e realizar todos os progressos das sociedades modernas.

No decurso de desassete annos, ora n'um ponto, ora n'outro d'aquelle vastissimo pais, se tem levantado os povos contra os abusos do poder, em que a ambição tem sido o principal mobil.

Agora é em Matto Grosso que de novo lavra a revolução contra o governo do Estado, sendo esta a quarta vez que aquelle Estado se agita na guerra civil, encontrando-se á frente dos revoltosos um dos homens de mais prestigio e valentes d'aquelle Estado, o coronel Ponce, coadjuvado por mais dois coroneis Paula e Jango commandando 6:500 revoltosos.

Os primeiros telegrammas chegaram a dar noticia de que tinha sido morto o presidente do Estado, o coronel Antonio Paes de Barros, mas tal noticia não foi confirmada.

A provincia ou Estado de Matto Grosso é o mais occidental do Brasil, confinando ao norte com os Estados do Amazonas e do Pará, ao sul com a Republica do Paraguay, a leste com as provincias ou Estados de Goyaz, Minas e S. Paulo, e a oeste com a Republica da Bolivia e parte do Amazonas. A sua população é, deminuta relativamente á estensão de seus territorios, pois tem apenas 160:000 habitantes em 150:000 kilometros quadrados, como de resto acontece em todo o Brasil.

A sua producção agricola é comtudo importante, em tabaco, café, canna, chá matto, baunilha e outros fructos, assim como tem minas de ouro e de brilhantes por explorar.

A capital d'este Estado é Cuiaba que tira seu nome do rio que corre n'aquella provincia. E' Cuiaba a residencia do governo do Estado e para



CORONEL ANTONIO PAES DE BARROS
PRESIDENTE DO ESTADO DE MATTO GROSSO



CORONEL GENEROSO PAES LEME DE SOUSA PONCE
CHEFE DOS REVOLTOSOS EM MATTO GROSSO

As Festas da Rainha Santa, em Coimbra



NA PRAÇA DO COMMERCIO



NA RUA DA SOPHIA
(Photographias do sr. Francisco Borges)

as minhas mãos não estão afeitas a este trabalho!

E assim aconteceu com tudo que me mandaram fazer.

Impingiram-me a barrela da roupa daquela cafila de ladrões, mas eu fiz em estilhas a estopa; depois, mandaram-me fazer a limpeza da cafú, em que dormiamos; fui me á trouxa da trapagem, fiz um lambaz metido num pau de vassoura e esfreguei o chão com elle.

Até que por fim me deixaram socegado, a mim mais ao cachorro; mas, quer um quer outro, nem sei como não estivamos á fome, porque elles ao bruto não lhe davam coisa nenhuma, e a mim uma tijela de arroz de caldo, pela manhan e um pedaço de carne, do tamanho duma rôlha de garrafa, para a ceia, e repartida a ração por ambos, — ponham na sua ideia, como não havíamos de andar escanzellados.

Até que, um dia, nos puseram na rua, e voltámos para Kingston; recebi

ali convergiram os revoltosos a deporem o presidente.

As ultimas noticias telegraphicas communicaram que o general Dantas Barreto conseguira desbaratar as forças revolucionarias e restabelecer o governo do presidente Barros.

Antonio Paes de Barros, a quem foi confiada a presidencia do Estado de Matto Grosso, é coronel e homem experimentado na administração dos negocios publicos em que tem provado sua capacidade a par de inergia.

O chefe dos revoltosos, o coronel Generoso Paes Leme de Sousa Ponce, nasceu em 10 de julho de 1852 em Cuiaba, filho de José Ponce Martins alferes reformado do exercito brasileiro e de D. Cursina Romana Ponce. Alistou-se voluntario para tomar parte na celebre guerra contra o ditador Lopes do Paraguay, em que se distinguio por sua valentia, sobre tudo na acção de Corumbá da sua provincia de Matto Grosso, que restituiu ao Brasil esta cidade que havia cahido em poder do inimigo.

Fez toda a gloriosa Campanha e em 1870 deixou o serviço militar para se dedicar ao commercio, chegando a ser successor da firma commercial de Firmo José de Mattos.

Tornou-se influente politico e foi chefe do partido liberal de Matto Grosso e deputado a assembleia provincial, onde foi um dos maiores defensores da abolição da escravatura.

Era presidente d'aquella assembleia quando se proclamou a Republica, fórma de governo que logo abraçou, tratando immediatamente de organisar o partido local e tomar a sua direcção.

O governo federal em reconhecimento pela prompta adesão de Pouce, nomeou-o coronel commandante da guarda nacional.

Na sedição militar de 1892 que depoz o presidente de Matto Grosso Dr. Manuel José Murinho, o coronel Pouce pegou em armas contra seus compatriotas e á frente de uns 1:500 homens conseguiu depor o presidente, assumindo elle a presidencia do Estado.

Foi esta a primeira revolução de Matto Grosso. A segunda foi em 1899 promovida pelo coronel Paes Barros, estando entio por parte do governo o coronel Ponce. Em 1903 foi a terceira revolução por causa da presidencia, em que ficou por fim o actual presidente cujo mandato termina no proximo anno de 1907.

Quando da revolta da marinha brasileira o coronel Ponce defendeu na imprensa do seu estado o governo constituido, n'um jornal de que era director, intitulado *Estado de Matto Grosso*.

Em 1894 o coronel Pouce foi eleito senador federal pelo Estado de Matto Grosso, ao Congresso Brasileiro.

E' este o chefe da actual revolução, que tanto tem sobresaltado o Brasil e quantos se interessam pela tranquillidade d'aquella republica.

LITTERATURA DINAMARQUESA

Em como o João foi
três vezes ao cabo Horn.

POR

Holger Drachmann

(Continuado do n.º 991)

Até que, por fim, chegámos ao nosso destino, e a quem heide eu ver, aos pulos e a correr para mim?

O Patusco, sem tirar nem pôr, com mais de um palmo de lingua dependurada pela boca fora!

Estatelei-me de borco no meio do chão, e arrastei atrás de mim o espantalho; e peguei aos beijos ao bicho, que todo elle era poeira — ao cão, venho eu a dizer — a beijar-lhe o focinho, e dentão para cá ficámos amigos para a vida e para a morte.

Nisto, soltaram-nos os grilhões e empurraram-nos para um pateo muito grande, e como os soldados quisessem enxotar o Patusco, o animal atirou-se a elles, o official desatou á gargalhada, e o cão alcançou licença de ficar em minha companhia.

E mandaram-nos vestir o fardamento da prisão, — uns peraltas! — calças e blusas de serapilheira, e um barrete encarnado; e nas costas e pela perna abaixo, em letras muito grandes: *Santa-Maria — District's — Prison. Spanishtown*.

O Patusco, quando me viu assim albardado, quasi que nem me conheceu; eu porém pus-me a falar dinamarquês com os companheiros, e isso ajudou-lhe a memoria.

Foram uns meses damnados, aquelles dois, e se não fosse o cão, parece-me, até, que teria dado cabo do canastro a uma sentinela, a vêr se me pregavam um tiro.

Mas uma pessoa, quando tem alguém neste mundo de quem cuidar, que remedio senão ter mão em si.

Elles, ao principio, queriam me obrigar a britar pedra, calhãos duros como a breca; mas eu desde logo lhes declarei, que mãos de marinheiro eram macias demais para aquelle trabalho, e quando ateimaram em me encaixar na mão o martello, atirei tamanha bordoadá ao monte de pedra, que um seixo voou pelos ares e foi partir os dentes a um dos maisins.

— Desculpe, acudi eu, mas é para que vejam que

ali do consul seis libras, mas o chaveco já tinha abalado, ha que tempos.

Alambazámo-nos com uma boa fartadéla, tanto eu como o Patusco, e eu cá, fui perguntando ao consul se não me podia arranjar passagem.

— Para onde é que queres ir? perguntou elle.

— Nós, com uma licença, tornei eu, com os olhos pregados no Patusco, para onde queríamos ir era para o cabo de Horn.

— Para ahí não te posso eu agora arranjar transporte; mas disponho de uma passagem para Hamburgo, faz-te conta?

Olhei para o cão, e o cão pôs-se a olhar para mim e a uivar; e o que elle queria dizer na sua era claro como agua. «Está a calhar, assim como assim sempre podêmos ir parar ao cabo Horn».

E vae eu, então, disse que sim, e ahí tem vocês como nós viemos calcuriando para Hamburgo.

Ali, saltamos em terra, eu mais o Patusco, e a primeira coisa de que tratei foi de ir derretendo a chelpa, merquei uma andaina de flanêla azul, obra aseada, um par de botas catitas e um chapéu redondo; merquei uma coleira com cadeado de latão para o Patusco; mas como elle lhe desse pouco apreço, ou nenhum, dei-a de presente a uma pinoia, uma noite, quando arribámos a S. Paulo.

Ali, nos primeiros dias, andámos alegres e divertidos, e ao principio o Patusco fez-me boa companhia; mas eu, á noite, a môdos que não me portei lá muito bem com o meu companheiro,

Exposição da Escola Livre das Artes do Desenho



ASPECTO GERAL DA EXPOSIÇÃO



CASTIÇAL EM FERRO FORJADO
Antonio Maria da Conceição



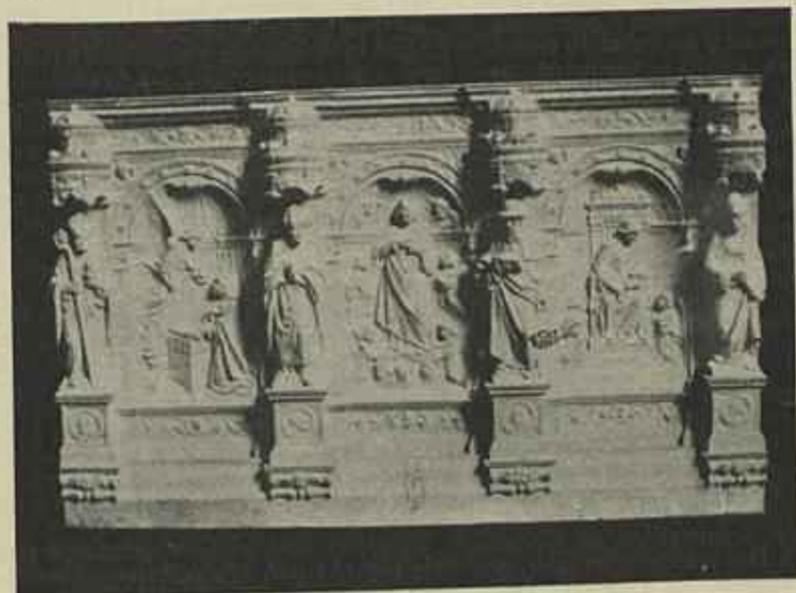
PEANHA EM FERRO FORJADO
Lourenço d'Oliveira Chaves d'Almeida



PEDRAS ORNAMENTADAS PARA A EGREJA
A CONSTRUIR EM CINTRA, DO SR. DR. CARVALHO MONTEIRO



PIA D'AGUA BENTA PARA A EGREJA
A CONSTRUIR EM CINTRA, DO SR. DR. CARVALHO MONTEIRO
Neves Machado



PREDILLA DE ALTAR DESTINADA Á EGREJA
DE SANTA CRUZ DE COIMBRA, EXECUÇÃO EM CALCÁRIO
João Machado



GRUPO DE PEDRAS ORNAMENTADAS PARA A EGREJA
A CONSTRUIR EM CINTRA, DO SR. DR. CARVALHO MONTEIRO

(Photographias enviadas pelo sr. João Machado)

e vae elle, ao depois, ateimou em ficar em casa, e tudo era olhar para mim a abanar as orelhas, a andar á roda todo elle feito um novêlo, até que, por fim, já nem me queria olhar para a cara.

E um dia vim dar com elle deitado, e o corpo todo a tremer, como quem está com uma sezão.

Eu, aquella noite, tinha combinado com a tal sujeita irmos ao bailique; mas eu, pus-me a olhar para o brutinho, e passou-me pela ideia Spanish-town.

Atirei ao chão o meu rico chapéu redondo, peguei no Patusco, deitei o no regaço e tapei-o com o farrapo da minha jaqueta velha; e como elle, apezar de tudo, estava todo num tremor, deitei-lhe ainda por cima as calças velhas. E para ali fiquei toda a noite, e ia-lhe chegando á boca uma tijela com agua.

Assim Deus me ajude! — mas arrazaram-se me os olhos de lagrimas; eu já nem queria saber da cachopa, nem do baile, o que eu queria era vêr são e alegre o meu companheiro.

Ao outro dia foi um desespero! Dinheiro, onde iria elle! tratei de saber a morada de um veterinario, peguei na minha calça azul novinha em folha, e fui dali direitinho a uma casa de penhores.

Assim que apanhei á unha o dinheiro fui ter com um alveitar, e o homem emborcou uma boticada ao cachorro. A' noite appareceu a rapariga a procurar-me, no meu quarto alugado.

— Estou á paz-de pilula. — disse-lhe eu, e o Patusco muito doente; tens que ir sósinha...!

— Quero cá saber de dinheiro, tornou ella, e do cão, ainda menos. — Estás um bom maricas! Levanta-te dahi, e vem comigo.

E lá fui indo atrás della, e ella desta vez fez a sua acção, pagou-me o almoço. E quando voltei para casa, vim achar o cachorro de mal para peór.

Peguei no casaco novo, no chapéu e nas minhas ricas botas — e zás — tudo para o prégo, e dali enfiéi para casa do veterinario.

Quando o trouxe comigo para o meu cubiculo, e me vi a sós com elle, botei-lhe as unhas ao cachoço, com gana, e declarei-lhe, que elle o que era, era um grandissimo jumento, e que tratasse de me pôr são e escorreito o cachorro, aliás, que não era elle que tornava a tratar da sua vida, ou da dos cães.

Berrou, chiou, pediu misericórdia e vomitou para ali um chorrião d'asneiras; até que por fim declarou que lhe parecia que o animal tinha apanhado a febre do clima, e que o melhor era eu ir-me safando dali e mais elle, caminho de casa.

Pareceu-me que o homem tinha razão. Fui tratando de despir tambem o casaco novo, prégo com elle!

Deram me dez marcos em oiro e uma casaca velha com umas abas muito compridas, a arrastarem pelo chão. E vae dahi, eu, assim que anoiteceu, embrulhei o Patusco no balandrau vélio e meti para a estação do caminho de ferro de Lübeck, e o que eu lhes posso jurar é que ninguém diria que eu era um marinheiro, que voltava duma viagem tão longa.

Em Lübeck embarquei a bordo do vapor para Hasen, e o mais curioso do caso, é que o meu companheiro, quanto mais nos iamoz aproximando de casa, mais ia arrebitando a orelha.

Já tinha outra vez os olhos azues, e não fazia senão lamber-me a mão e olhar para mim, e eu, punha os olhos no chão, a pensar que creaturas tão fracas nós sómos e quanto mais facil não é o pôr com dono a farpela, e arranjar assim a nossa vida, do que entregar-se á inação e resistir ao primeiro palpito.

A' proporção que eu ia dando á gambia pela praia, com o Patusco agarrado aos calcanhares, a chusma que andava á cóca do marisco, tudo era gritarem-me:

— Olhem quem ahi vem! Parece mesmo o diabo disfarçado em padre mormon.

— Todo inteiro! respondi eu, aos pulos, e com as abas da burjaca a voar.

— Ora, se há! clamavam elles.

Onde irias tu desencantar essa tralha? Foste ao cabo de Horn nessa figura?

— Já se sabe que sim, e fui lá três vezes, por signal. E senão, perguntem ao Patusco, que elle é muito capaz de lhes dar troco.

Indireitei para casa, fui ter com o meu velho e troquei com elle o balandrau.

M. MACEDO.

A natureza e seus phenomenos

PARTE V

ELECTRICIDADE

CAPITULO II

MAGNETISMO E ELECTRO-MAGNETISMO

(Continuado do n.º 991)

Pilha de Daniell consta de um vaso de vidro ou louça contendo uma dissolução de sulphato de cobre, onde mergulha um cylindro de cobre crivado de orificios, e ligado superiormente a uma galeria igualmente furada e cheia de christaes d'aquelle sal. No interior do cylindro de cobre, ha um vaso de barro poroso cheio de agua acidulada com acido sulphurico, onde mergulha um cylindro de zinco. Aos dois metaes, zinco e cobre, ligam-se os dois reophoros da pilha.



FIG. 59 PILHA DE DANIELL.

Na pilha de Minoto, o vaso poroso substitue-se por uma camada de areia; a pilha dispõe-se do seguinte modo: No fundo de um copo, collocase uma lamina de cobre sobre uma camada de sulphato de cobre pulverisado, e por cima, uma de areia, onde assenta o zinco em forma de uma lamina enrolada em espiral, ou de uma chapa crivada de orificios. Ao disco de cobre, liga-se um arame do mesmo metal, isolado n'um tubo de vidro, ou gutta-percha. Deitando agua na areia até cobrir o zinco, a pilha funcionará.

Pilha de Bunsen. Cada elemento da pilha consta de um vaso de vidro contendo um cylindro de zinco óco dentro do qual se acha um vaso poroso, o qual contém um paralelepipedo de carvão. Em contacto com o zinco, no vaso exterior, deita-se agua acidulada com acido sulphurico, e no vaso poroso acido azotico. O acido sulphurico ataca o zinco formando o sulphato de zinco; a agua é decomposta. O zinco toma a electricidade negativa, e a agua, a electricidade positiva a qual passa, atravez do vaso poroso, para o acido azotico e deste, para o carvão que fica sendo o polo positivo. O hydrogenio da agua, em presença do acido azotico, forma agua e acido hyppo-azotico.

Substituindo o carvão por uma lamina de platina, temos constituído a pilha de Grove.

Pilha de Leclanché. Consta de um vaso de vidro contendo uma dissolução saturada de chloridrato de ammoniaco; n'esta dissolução, mergulha uma haste cylindrica de zinco amalgado (polo negativo) e um vaso poroso contendo uma mistura de peroxydo de manganéz e carvão em pó. Dentro do vaso poroso, e em contacto com a mistura, n'elle contida, dispõe-se um prisma de carvão (polo positivo) terminado na parte superior por um botão de cobre. O vaso poroso é fechado por um inducto especial, onde existe um orificio que dá sahida aos gazes desenvolvidos no interior do vaso.

Reunindo varios elementos n'um grupo, obtemos uma bateria electrica.

Unir em tensão. Uma pilha de Bunsen de dez elementos, consiste em ligar o carvão de cada elemento, ao zinco do elemento immediato, por meio de uma lamina de cobre pregada no zinco e apertada contra o carvão por meio de um grampo com parafuzos.

Tambem podemos reunir os elementos de uma pilha pelos polos do mesmo nome, isto é, dispôr a pilha em quantidade. Sendo 10 elementos de Bunsen, e dispondo os desta forma, equivale a ter uma pilha de um só elemento dez vezes maior. Ligando por exemplo, duas pilhas pelos polos do mesmo nome as correntes neutralizam-se, mas fazendo communicar as laminas de união com os fios do circuito, immediatamente a corrente circula por este circuito.

Efeitos da electricidade dinamica. Os efeitos da electricidade dinamica são: *physiologicos, physicos, chimicos e mechanicos.*

Os primeiros consistem em commoções e contracções musculares, tanto mais fortes quanto mais energicas forem as pilhas.

Os efeitos physicos são analogos da descarga electrica. Estes podem ser *calorificos, luminosos, magneticos e de indução.*

Efeitos calorificos. A temperatura eleva-se, no circuito onde passa a corrente e tanto mais, quanto menor for a sua conductibilidade e menor secção do conductor. Reunindo os reophoros de uma pilha de 40 elementos de Bunsen, por fios delgados de ferro, estes tornam se incandescentes, fundem-se, volatilizam-se, e ardem com chamma.

Efeitos luminosos. Como a electricidade das pilhas tem fraca tensão, não se obtem faísca quando se tocam os reophoros, porém, levando-os em contacto e afastando-os em seguida, produz-se uma faísca que se transforma em luz continua, se a pilha é muito energica e os reophoros se conservam a pequena distancia. Esta luz denomina-se *luz electrica.*

Fazendo a experiencia no vacuo, com o *óvo electrico*, a luz parece partir do botão positivo, apresentando a cor vermelha muito intensa até proximo do botão negativo, interrompendo-se então, envolvendo-se este e a sua haste com cor violeta.

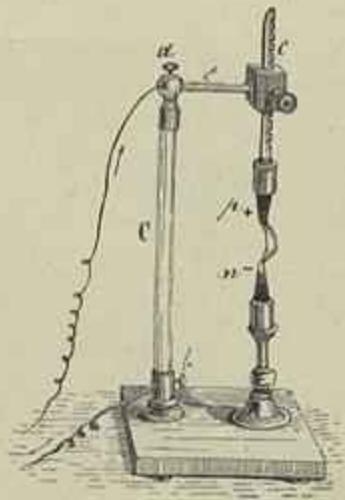


FIG. 60 LUZ ELECTRICA

A luz electrica é branca e intensa no ar, quando se produz entre duas hastes conicas de carvão p, n, em communicação com dois botões metallicos a, b, onde se ligam os reophoros da pilha. Approximando os carvões e passando a corrente, estes tornam-se incandescentes, apparecendo entre elles quando se affastem, uma luz brilhante (arco voltaico).

O arco é mais comprido quando a corrente se dirige do carvão superior para o inferior.

Dos efeitos magneticos e de indução, fallaremos, quando tratarmos de magnetismo.

Efeitos chimicos. Os principaes efeitos das correntes são a decomposição dos corpos compostos. A substancia decomposta pela pilha, chama-se *electrolyte*, o acto da decomposição, *electrolyse*, e os conductores que estabelecem a communicação do *electrolyte* com a pilha, *electrode*.

Na *electrolyse*, nota-se sempre que umas substancias se dirigem para o positivo da pilha, outras para o polo negativo. As primeiras chamam-se *electro-negativas*, e as segundas, *electro-positivas*.

Efeitos mechanicos. São o transporte de diversas substancias de um para outro ponto, o que se reconhece entre os carvões do arco voltaico, e nas *electrolyses*. A acção mutua entre as correntes, é igualmente um efeito mechanico da electricidade dinamica.

Imans ou magnetes são corpos que teem a propriedade de attrahir outros corpos.

A propriedade que os imans teem de attrahir outros corpos, diz-se *magnetismo*. Approximando uma barra magnetica, de uma porção de ferro em limalha, esta é attrahida ficando adherente á barra, sendo essa attracção maior cerca das extremidades. Os pontos onde a attracção é maior, dizem-se *polos magneticos*. A linha media onde a attracção é nulla, diz-se *linha neutra*. Um dos polos denomina-se *norte* ou *boreal*, e o outro, *sul* ou *austral*.

Tomando uma agulha magnetica e muito movel suspensa por um fio e approximando do seu polo austral, o polo austral de um magnete, a agulha é repellida. Se approximamos os polos contrarios, estes attrahem-se. D'aqui concluímos que os polos magneticos do mesmo nome, repellem-se, e os de nome contrario attrahem-se.

As substancias attrahidas pelos imans chamam-se *magneticas*.

Explica-se a acção de um iman sobre uma substancia magnetica dizendo que o fluido accumulado no polo do iman mais proximo d'ella, decompõe o fluido neutro d'essa substancia, attrahe o do nome contrario, e repelle o do mesmo nome. Diz-se então que a substancia magnetica foi magnetizada por *influencia*. Estas substancias ficam gosando das mesmas propriedades que os imans, enquanto em contacto com elles. Prendendo a um dos polos de um iman, um pequeno cylindro de ferro macio, poderemos, com a extremidade livre d'este, levantar um segundo cylindro e com este, um terceiro, etc. Desligando o iman do primeiro cylindro, todos os demais separar-se-hão, sem deixar vestigio do magnetismo.

A resistencia de um corpo á sua magnetisação ou desmagnetisação é a sua força *coerciva*. O ferro macio tem pequena força coerciva, porque, assim como se magnetisa rapidamente, desmagnetisa-se instantaneamente. No aço temperado, a força coerciva é maior.

A acção que a Terra exerce sobre os imans, é o *magnetismo terrestre*.

Dispondo horizontalmente uma agulha de aço magnetizada, de modo a poder girar livremente sobre o seu centro, esta toma sempre a mesma posição invariavel, logo que cesse a força que a obrigou a desviar-se d'ella. Essa direcção é a da linha *norte sul*.

Isto mostra que a terra attrahe o iman.

Invertendo o iman e fazendo olhar para o norte, o polo que se dirigia para o sul, o iman gira de 180°, voltando sempre o mesmo polo para o norte.

Como a agulha não toma perfeitamente a direcção norte sul, a agulha faz com esta direcção, um certo angulo que se denomina, a *inclinação da agulha*.

O plano que passa pelos polos da agulha e pelo centro da terra, é o *meridiano magnetico*.

Consoante o polo norte da agulha está virado para leste ou oeste d'esse meridiano, assim a inclinação diz-se *oriental* ou *occidental*.

Magnetizando uma agulha, depois de se ter determinado o seu centro de gravidade, veremos que, depois de magnetizada, não segue a direcção horizontal, quando suspensa ou apoiada por aquelle ponto. Um dos seus polos conservar-se ha abaixo do horizonte, o polo norte no nosso hemispherio e o polo sul, no hemispherio austral.

Agora que nos occupámos do magnetismo, fallemos dos efeitos magneticos das correntes.

E' esta a parte da electricidade que se denomina *electro-magnetismo*. Fazendo passar uma corrente por um fio de cobre collocado na direcção da agulha magnetica movel sobre um fulchro, esta desvia-se cruzando com a agulha. O sentido do desvio depende do sentido da corrente, e do lado para onde ella actua.

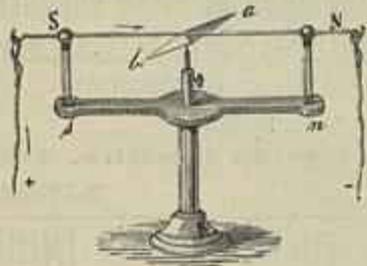


FIG. 62 APPARELHO DE OERSTED

Verifica-se este phenomeno com o aparelho de Oersted. Segundo o sentido da corrente, e esta passar no conductor S N por cima da agulha, e em S N, por baixo d'ella, a agulha desvia-se para um ou outro lado, seguindo a regra de Ampère: *imaginando um observador deitado ao longo do circuito por onde passa a corrente com os pés para o lado d'onde ella vem e olhando para a agulha, o polo sul desvia-se sempre para o seu lado esquerdo*.

Para medir a intensidade das correntes, por effeito dos desvios da agulha magnetica empregamos os *galvanometros*.

Constam de uma bobine de metal ou madeira onde se enrola um fio de cobre coberto de seda, o qual dá um grande numero de voltas em redor

d'ella; por cima da bobine, ha um circulo horizontal graduado, cujo zero corresponde a um dos extremos do diametro, paralelo á direcção do fio de cobre, tendo duas graduações de 90°, para a direita e esquerda do zero; de um fio de seda, pende um systema astatico de agulhas magneticas, (duas agulhas magneticas com os polos invertidos) estando uma, por cima do circulo graduado, e outra, dentro da bobine. Dois pressores fazem communicar os reophoros da pilha com as extremidades do fio de cobre do galvanometro.

A electricidade dinamica produzida nos corpos a distancia, denomina-se electricidade por influencia ou indução, como, egualmente, já vimos na electricidade estatica.

Chamam-se *correntes de indução* ás correntes instantaneas que se desenvolvem nos circuitos conductores, por influencia de correntes voltaicas ou imans. Se ligarmos a um galvanometro, as duas extremidades de um dos fios de uma bobine, e fizermos passar no outro, uma corrente voltaica, observa-se a passagem de uma corrente em sentido inverso, no primeiro fio. Esta corrente induzida é instantanea, e não se torna a manifestar durante o tempo que o circuito da pilha permanecer fechado, mas se este se interromper, observar-se-ha outra corrente induzida, instantanea como a primeira mas no sentido igual ao da pilha. O fio em que passa a corrente voltaica, chama-se *inductor*, e o outro fio, *induzido*.

Um magnete tambem pode produzir correntes de indução, n'um circuito metallico.

Introduzindo bruscamente um magnete, n'uma bobine, o galvanometro accusará uma passagem de uma corrente induzida no fio d'ella, em sentido inverso áquella que existe na superficie do magnete. Se o retirarmos, outra corrente é accusada pelo galvanometro, egualmente instantanea, mas em sentido inverso da primeira.

Os aparelhos que utilizam as correntes de indução, chamam-se *machinas de indução*. Se a indução provier das pilhas, dizem-se *electro-voltaicas*, se dos imans, *magneto-electricas*, se resultam do movimento, *electro-dynamicas*. Como exemplo das primeiras, citaremos o aparelho de *Ruhmkorff*.

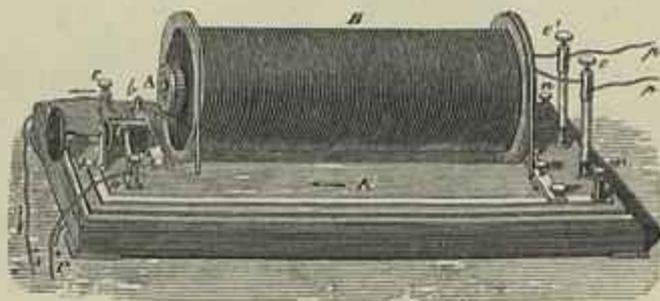


FIG. 63 BOBINE DE RUHKORFF

Consta de uma bobine B, de cartão, onde se enrola um fio de cobre coberto de seda, curto e de grande diametro, e sobre este, outro fio, egualmente de cobre, de grande comprimento e menor diametro que o primeiro. Os dois fios acham-se isolados um do outro, por meio de um cylindro de vidro, ou cautchouc endurecido. Os dois extremos dos fios fixam-se em botões metallicos isolados em pés de vidro. No fio mais grosso passa a corrente da pilha, no fio delgado, as correntes de indução.

(Continua)

ANTONIO A. OLIVEIRA MACHADO.

O capitão Dreyfus rehabilitado

O assombroso processo de traição á patria instaurado em França ha 12 annos contra o capitão Dreyfus official do exercito francez, teve agora seu termo no Tribunal de Cassação, que annullou a segunda sentença que condemnara Dreyfus ao desterro, em 1895, quando se fez a revisão do processo que o havia condemnado em 1894.

Se então Dreyfus tivesse sido condemnado á morte, ter-se-hia justificado um innocente! Esta ideia basta para sensibilisar os corações, e comtudo a pena capital esteve imminente sobre o celebre capitão francez, taes eram as accusações que se produziram, as coincidencias que pareciam comprometer o esmagadoramente.

Entretanto em França nem todos estavam convencidos da criminalidade de Dreyfus, e quem mais procurou demonstrar a innocencia do ac-

cusado foi Zola e o coronel Piequart, e tanto influu na opinião publica, como nos governos, a crusada de Zola, principalmente, que a primeira sentença condenatoria de Dreyfus foi revista em 1899, infelizmente sem resultado, pois se muitos se empenhavam em rehabilitar o condemnado, tantos ou mais promoviam por todos os modos comprometer o servindo-se dos mais ardilosos meios. O principal motivo d'esta guerra fundava-se n'uma questão de raça e de religião, pois que Dreyfus é francez israelita.

Quantas influencias se moveram e quanto dinheiro se despendeu n'este processo, não é facil calcular, e entre as pessoas que mais se empenharam em demonstrar a innocencia de Dreyfus, foi, como era natural sua esposa, que partilhou do grande martiriologio que seu marido sofreu durante 12 annos tantos quantos sobre elle pesou tão grave accusação.

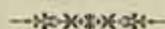
Felizmente esse anátema lançado sobre Dreyfus, cessou, e o tribunal, revendo de novo o processo, convenceu-se da sua innocencia, e declarou a rehabilitação do condemnado, não admitindo que elle seja submetido a novo conselho de guerra.

Foi feita justiça. Zola já não pode assistir a este triumpho, mas tiveram essa satisfação o tenente-coronel Picquart, o senador Kestner, Bernard Lazare, etc.

O governo francez deliberou mandar afixar a sentença de rehabilitação de Dreyfus em todas as communas da França e reintegral-o no exercito com o posto que lhe competiria se elle não tivesse tido interrupção no serviço activo.

Alem d'isto confere-lhe o grau de cavalleiro da Legião de Honra, em que será investido publicamente com toda a solemnidade.

Só temos uma duvida em nosso espirito e é se todas estas rehabilitações e honras agora dispensadas a Dreyfus, o poderão satisfazer, para que elle possa encarar sem um profundo resentimento, a sociedade, depois de ter sofrido tão grande e tão injusto martiriologio.



Real Gymnasio Club

Provas annuaes da educação phisica

Ainda não ha muito aqui nos referimos a esta util instituição, que pelos resultados que ella tem trazido para a educação phisica da mocidade portugüesa, bem merece as sympathias do publico. Foi quando do ultimo sarau que realiso no Colyseu dos Recreios, em que alguns dos socios se apresentaram em seus dificeis trabalhos gymnasticos e, pela primeira vez se apresentou tambem uma secção da classe infantil de iquitação dirigida pelo professor sr. João Posser.

Pois é das creanças que hoje tambem vimos falar, dos alumnos dos cursos de educação phisica do Real Gymnasio Club, que no dia 8 do corrente perante uma numerosa e selecta assistencia, que enchia o grande salão dos exercicios, fizeram as suas provas annuaes de gymnastica, de esgrima e de jogo de pau.

As provas deixaram satisfeitos todos que a ellas assistiram, tanto as de gymnastica sueca, sob a direcção do conhecido professor Awata, como as de gymnastica artistica dirigidas pelo sr. João Possolo com a profeciencia que todos lhe reconhecem.

Nas provas d'este anno appareceu um grupo de meninas, que executou com muita correcção varios exercicios de gymnastica simples, proprios para o desenvolvimento phisico.

As provas de esgrima, dirigidas pelo professor sr. Carlos Gonçalves, não concluíram pelo adeantado da hora.

O jury que presidia ás provas, composto dos srs. Luiz Monteiro, Duarte Holbeche, Possidonio de Castro, Dias Costa e dr. Jayme Neves, classificou os seguintes alumnos para premio:

Classe de gymnastica sueca para creanças do sexo masculino: Amadeu d'Assumpção, premio; Antonio Mello, Paulo Guedes, Antonio Fonseca, Eduardo Fonseca e Raposo, diplomas.

Classe de gymnastica sueca para creanças do sexo femenino: Elisa Moreira, 1.º premio; Maria de Sousa, Maria Ancory e Cecilia de Sousa, diplomas.

Alta gymnastica: Francisco Costa Antunes, 1.º premio; Antonio Claudio d'Oliveira Costa e Accacio Loureiro Correia, diplomas.

Esgrima: Paredes, 1.º premio; Amadeu Fonseca, diploma.



O CAPITÃO DREYFUS REHABILITADO



Ao Romper do Sol (Romance) — Henrique de Mendonça — Empresa Litteraria e Typographica, Editora, Porto — 1906. — Volume de 279 paginas de leitura em que se compreende uma dedicatória, um prologo e o texto respectivo, dividido em tres livros, nelle o autor afirma-se empolgante de estilo e fino observador da natureza e das almas.

Este romance germinou na mente de Henrique de Mendonça, achando-se o auctor em Sagres, local de recordação diamantina para o conceito dos vivos e de brilho privilegiado nas galerias da Historia.

As belezas do Algarve e o sonho da gente portugueza, numas cenas deliciosas de amor bem conduzido, sem embargo duma leviandade viril, castigada logo pela reflexão sisuda, mantem o leitor constantemente cativo, a partir da primeira pagina.

Paisagens da China e do Japão — Wenceslau de Moraes — Livraria Editora Viuva Tavares Cardoso, Lisboa — 1906. — Este nosso antigo e ilustrado consul, distinto official superior da Armada, acaba de mimosear por mais uma vez as letras portuguezas, com o produto deleitoso e instrutivo da sua penetrante visão das coisas e aprimorada educação estetica. Nas 239 paginas do volume elegante, de frontispicio aci-

ma indicado, o leitor toma conhecimento cabal dos dois famosos paeses do Estrêmo-Oriente e sente-se penalizado por não contêr o mesmo volume outras tantas ou mais paginas.

Vou transcrever o indice para elucidação do publico; ei-lo:

«As Borboletas — A Alforreca — O Anno novo — A Primavera — Nilguyo — O Cavallo Branco de Nanko — A primeira formiga — Os Diabos e os velhos — Pan-Man Chen — A Caricatura no Japão — Dois Cemiterios Japonezes — O Espelho de Matsuyama — Amôres — Um pintor de gatos — Impressões rapidas — Issumboshi — O Pescador Urashima.»

Sob taes rubricas singulares, Wenceslau de Moraes, mostra-nos as classes, patentea-nos os usos e costumes, descobre-nos as relijiões, desdobra-nos na especie anedotica duns contos de feição tipica o conceito filosofico e o carâter daquêles povos.

O Theatro e o Actor (Esboço Philosophico da Arte de Representar) — J. Reis Gomes — Viuva Tavares Cardoso, Editor, Lisboa — 1906. — A obra

encerrada nas 206 paginas de texto que este volume apresenta, já viu o lume da publicidade numa primeira edição.

O autor, depois de explicar o seu intento, versa com firmeza e cunho incontestavel de auctoridade a materia dos cinco seguintes capitulos:

A Natureza no Theatro;
A Intelligencia e os Dotes Physicos;
O Comediante é um artista?
Paradoxo de Diderot;
O Naturalismo e a Convenção.

Intercalando o texto, vêem-se neste volume alguns retratos de comediantes celebres no trajo dos papeis que lhes valeram as suas corôas de gloria.

Quanto ao valor do livro em si, perfilho e reproduzo estas palavras de Teófilo Braga, mestre insigne e colosso de erudição: «escripto com seguros conhecimentos especiaes e expostos com a lucidez de um espirito disciplinado pelo estudo das sciencias naturaes e com a facilidade estilistica de um jornalista.»

Devo porém dizer, em abono da verdade, que na presente edição noto certos senões de gramatica, talvez devidos a menos cuidadosa revisão, ou mesmo a erros de caixa.

D. FRANCISCO DE NORONHA.

Real Gymnasio Club



O PROFESSOR AWATA E OS ALUNOS PREMIADOS NAS PROVAS ANNUALES DE EDUCAÇÃO PHYSICA (Cliché Benoliel)

ANTONIO DO COUTO ALFAYATE

Premiado na Exposição Universal de Paris de 1900

Magnifico sortimento de fazendas nacionais e estrangeiras

R. do Alecrim, 111, 1.º (á P. Luiz de Camões) — LISBOA



A melhor agua de mesa conhecida
AGUAS MINERAES DO MONTE BANZÃO-COLLARES
GAZOSAS LITHINADAS

Deposito geral:

Rua do Arco da Bandeira, 216, 1.º
LISBOA

Methodo Berlitz

LISBOA

PORTO

R. do Alecrim, 30 A
1.º e 2.º andar

Rua Sá da Bandeira, 259

Dois medalhas de ouro e prata
Exposiçào Universal de Paris de
1900 Grand Prix—
Exp. de S. Luiz 1904
Exp. de Liege

THE BERLITZ SCHOOL OF LANGUAGES
Academia de Línguas Vivas

Ensino pratico

Professores estrangeiros

Professores de S. M. El-Rei D. Afonso XIII

Professores de S. M. o Principe Real da Alemanha

Professores de S. M. o Principe Fricdr. Wildt, da Prussia, etc.

ENSINO INDIVIDUAL e em CLASSES GERAES, separadas para HOMENS e SENHORA:
Allemão, inglez, francez, italiano, hespanhol, portuguez

Os cursos da Academia BERLITZ funcionam todos os dias das 8 da manhã ás 10 horas da no!

CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

VENDE-SE EM TODA A PARTE

Bonbons e nougat da fabrica Iniguez

KILO 18500 REIS

Os bonbons da fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca

em todos

os estabelecimentos



CHOCOLATE--CAKULA

Novo producto reconstituinte e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis